

THE LOWLAND COTTAGE — ENGLAND AND FRANCE, DE JOHN RUSKIN: UMA PROPOSTA DE TRADUÇÃO

Thaís Fernandes dos Santos*

RESUMO: John Ruskin (1819-1900) foi um influente crítico social do século XIX, período vitoriano Britânico, além de teórico, desenhista, escritor e poeta, possivelmente, o mais célebre crítico de arte inglês. Do livro intitulado *The Poetry of Architecture*, Volume I, apresenta-se a tradução do ensaio *The Lowland Cottage—England and France* ao português brasileiro. Na busca pelo belo, lógica na natureza, Ruskin convida-nos a observar a estética e criação arquitetônica das Casas de Campo, *Lowland—Inglaterra e França*, em sua relação com a história, a sociedade e as artes, e por meio da descrição dos cenários, a beleza e os encantamentos encontrados ao longo das suas experiências vividas nessa viagem.

Palavras-chave: John Ruskin; Ensaio; Estética.

ABSTRACT: John Ruskin (1819-1900) was an influential nineteenth-century British of the Victorian era; the leading English art critic, theorist, social thinker, writer, and poet. From the book entitled *the poetry of Architecture*, Volume I, we present the translation of the essay *The Lowland Cottage—England and France* into the Brazilian Portuguese. In his pursuit of beauty and nature, Ruskin invites us to observe the architecture and aesthetics of the cottages and the beauty of the lowlands of England and France, going way beyond a mere description. In other words, he is describing art in its historical context through the beauty and enchantments he found throughout his experiences on the journey.

Key-words: John Ruskin; Essay; Aesthetics.

*Nature is painting for us, day after day, pictures of infinite beauty if
only we have the eyes to see them. (John Ruskin, 1819–1900)¹*

* Aluna Especial do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês – FFLCH/USP. E-mail: thaïsf.santos@bol.com.br. ORCID: 0000-0003-0502-5832.

¹ RUSKIN, John. Chapter: Political Theory. [S.l.]: The Book of Life, 2019. Disponível em <<https://www.theschooloflife.com/thebookoflife/the-great-philosophers-john-ruskin/>>. Acesso em 17 de abril de 2019. E-Book.

Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.6, n.10, p.71-85, 2020.

APRESENTAÇÃO

John Ruskin, nascido em Brunswick Square, Reino Unido, em 8 de fevereiro de 1819 e falecido em 20 de janeiro de 1900, em Brantwood, Reino Unido, foi um influente crítico social do século XIX, período vitoriano Britânico; além de teórico, desenhista, escritor e poeta, possivelmente, o mais célebre crítico de arte inglês.

Filho único da união entre o comerciante John James Ruskin, de origem escocesa, e Margaret Ruskin, uma puritana calvinista, John Ruskin recebeu educação em casa, no seio de uma família religiosa e bem-sucedida, com interesses pelas Artes e Literatura.

Dotado de talentos artísticos desde a infância, anos mais tarde, John Ruskin cursou o ensino superior na Christ Church, Universidade de Oxford, também na King's College de Londres, em 1842, e, posteriormente, tornou-se um artista profissional e professor universitário. Dentre os seus trabalhos mais notáveis sobressaem-se as obras intituladas *The Seven Lamps of Architecture* (1849) e *The Stones of Venice*, publicado originalmente em 1853. Como observa Amaral (2013)²

A obra de Ruskin se preocupou com o ensino da visão, que segundo ele, visualiza uma concepção de lógica na natureza. Por isso a leitura será sempre o resultado da apreensão de uma lógica cuja razão é sentida durante o olhar captado por uma primeira impressão. (AMARAL, p. 01, 2013)

Assim, a sensibilidade poética de Ruskin lhe proporcionava terreno fértil para sua imaginação ativa, o que refletia nos desenhos e na lógica de composição o seu lado imaginativo. Dedicado à pintura, arquitetura, política econômica, educação e qualidade estética, ao estudo das culturas, ética e às relações com o trabalho (HELSINGER, 1982); no entanto, as teorias puritanas foi algo relevante para os seus escritos e compreensíveis em conformidade com as particularidades do século XIX. Pois a religião estava inteiramente relacionada às artes e às ciências, de modo a influenciar, inclusive, muitos teóricos e escritores do período do Romantismo.

² AMARAL, Cláudio Silveira. John Ruskin, Iluminista ou adepto da filosofia da Idade Média? *Arquitextos* (São Paulo), v. 152.01, p. 01, 2013. *Transversal – Revista em Tradução*, Fortaleza, v.6, n.10, p.71-85, 2020.

Nesse sentido, John Ruskin revela-se um defensor da conservação e preservação dos monumentos e dos elementos patrimoniais, apresentando seu desenho arquitetônico e concepção de natureza (BAZIN, 1989). Ao falar dos ornamentos, por exemplo, ele discorre sobre a importância que estes tiveram, bem como o valor cultural e a importância histórica, especialmente, em relação às edificações cívicas. Para ele, “é preferível a obra mais rude que conta uma história ou registra um fato, do que a mais rica sem um significado. Não se deveria colocar um único ornamento em grandes edifícios cívicos, sem alguma intenção intelectual.” (RUSKIN, 2008, p. 63)³

Considerado, portanto, uma grande referência como teórico da arquitetura, crítico de arte e reformista social (LIRA, 2006), cuja teoria é muito pesquisada nos países europeus e, igualmente, nos Estados Unidos; no Brasil, porém, a sua recepção ainda é pouco estudada, embora conhecida. Além disso, muitos de seus textos, até o momento, não foram traduzidos para o português.

Desse modo, a presente proposta de tradução para o ensaio *The Lowland Cottage — England and France*, extraído da obra intitulada *The poetry of Architecture, The complete works of John Ruskin*, Volume I, é uma possibilidade de conhecermos, por meio de um capítulo importante da Literatura Inglesa, um dos trabalhos de Ruskin e sua contribuição aos estudos literários, à medida que promovem reflexões acerca da valorização estética.

Em tradução, pensando na prática e poéticas à luz dos estudos de Henri Meschonnic (2010), os quais ele ressalta como a “melhor testemunha da implicação recíproca entre a historicidade e a especificidade das formas da linguagem como formas de vida” (1999, p. 4), buscou-se o ritmo, ou seja, o “contínuo discurso-cultura-história-sujeito”, as sensíveis imagens e os efeitos estéticos da arquitetura, os quais Ruskin sugere.

Nesse ensaio, escrito nos círculos artísticos e intelectuais da Europa, Ruskin nos convida a observar a estética e criação arquitetônica das Casas de Campo, *The Lowland Cottage — England and France*, e, muito além da sua descrição dos cenários, a beleza nos detalhes e os encantamentos encontrados ao longo das suas experiências vividas nessas viagens. Por meio de uma linguagem poética, ele valoriza o desenho dos

³ RUSKIN, John. A Lâmpada da Memória. Tradução e Apresentação de Maria Lucia Bressan Pinheiro. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.
Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.6, n.10, p.71-85, 2020.

edifícios, situando-nos em seus mais belos contornos justificados, os quais expressam a subjetividade de quem os arquitetou.

1 TRADUÇÃO

A Casa de Campo: Lowlands Inglaterra e França

De todos os embelezamentos pelos quais os esforços do homem podem realçar a beleza do cenário natural, os edifícios são os mais eficazes que podem dar animação à cena, enquanto o espírito que eles concedem está semelhante ao seu caráter geral. Geralmente é desejável indicar a presença de existência animada em uma cena de beleza natural; mas somente de tal existência como será imbuído com o espírito, e partilhará da essência, da beleza, que, sem ela estaria esmaecido. Se o nosso objetivo é, portanto, embelezar uma cena cujo caráter é pacífico e despretensioso, não devemos erigir um edifício adequado à morada da riqueza ou do orgulho. Por mais bonito ou imponente em si mesmo, tal objeto indica imediatamente a presença de uma espécie de existência inadequada ao cenário em que o habita; e, de uma mente que, quando buscava a aposentadoria, não estava familiarizada com seus próprios sentimentos dominantes, que, por conseguinte, não suscita a nossa simpatia. No entanto, se erigimos uma morada que pode parecer adaptada às necessidades e suficiente para o conforto, ou seja, com um coração gentil e uma mente humilde, alcançamos de forma passageira o nosso objeto, pois concedemos animação, mas não perturbamos o repouso.

É por esta razão que a casa de campo é um dos embelezamentos do cenário natural, que merece consideração cuidadosa. É sempre deslumbrante, em todo lugar, seja olhando para fora do bosque, com seus olhos e enviando o movimento da fumaça azul entre os troncos prateados de árvores envelhecidas, seja agrupados entre os brilhantes campos de milho da planície frutífera, seja formando aglomerados cinzentos ao longo da encosta do lado da montanha; a casa sempre dá a ideia de uma coisa a ser amada: uma voz calma e vivificante, a qual é tão pacífica como o próprio silêncio.

A partir desses sentimentos, dedicaremos algum tempo à consideração do caráter predominante e das peculiaridades nacionais das casas de campo europeias. A primeira coisa digna de observação na casa Lowland da Inglaterra é o asseio final. O colmo está firmemente fixado e matematicamente nivelado nas bordas e, embora seja permitido ao

Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.6, n.10, p.71-85, 2020.

martinete anexar seu humilde domicílio, em segurança imperturbada, aos beirais, ele pode ser considerado como um aumento do efeito da casa, aumentando sua utilidade e fazendo com que ela contribua para o conforto de mais seres do que apenas um. A cal é de aço inoxidável, e sua superfície áspera atrai uma luz lateral tão brilhante como a da frente. A luxuosa rosa é treinada graciosamente sobre a janela; e a treliça reluzente, dividida não em quadrados pesados, mas em pequenos diamantes pontiagudos. É também lançada pela metade, como se acaba de descobrir por seu olhar entre as folhas verdes do mais adocicado, para admitir a brisa que, ao passar sobre as flores, fica repleto de sua fragrância. A varanda de madeira clara rompe o plano da aparência da casa por sua projeção; e um ramo, ou dois, de madressilva errante espalhados pela escotilha baixa. Alguns metros quadrados de jardim e um postigo trancado, persuadindo o pedestre cansado e empoeirado, com eloquência expressiva a se apoiar nele por um instante e pedir um copo de água ou leite, o que completa a fotografia, e, se estiver longe o bastante de Londres, para ser intocada pelas sofisticções da cidade, é uma perfeição no seu caminho. Assim essas ideias que despertam são agradáveis, e a arquitetura é tudo o que queremos ver em tal situação. Ela é bonita e adequada; e se isso a vangloriava-se de qualquer outra perfeição, seria à custa de sua propriedade.

Então, atravessemos o Canal e vamos procurar encontrar, se possível, uma outra casa de campo do outro lado, pois, de algum modo, é um caso complicado. Entretanto existem muitas aldeias, porém, uma casa de campo isolada é algo extremamente raro. Tentar um ou dois dos vales verdes entre os relevos desenhados, os quais espalham de Abbeville a Rouen. Aqui está, finalmente, uma casa de campo e uma pitoresca, que são muito mais do que aquilo que poderíamos dizer sobre o domicílio inglês. Qual é então a diferença? Há um ar *impreciso* de indiferença sobre a habitação do camponês francês, que é auxiliado por uma falta perfeita de tudo, como clareza; e tornado mais visível por alguns pontos sobre o edifício, os quais têm uma aparência de beleza negligenciada e um ornamento desvanecido. Metade da cal foi dissipada, e a outra metade colorida por vários musgos e líquenes errantes, os quais foram autorizados a vegetar sobre ela, e que, embora belos, constituem uma espécie de beleza da qual as ideias de idade e decadência são inseparáveis. O alto telhado da janela do sótão fica fantasticamente fora; e embaixo dela, onde, na Inglaterra, tínhamos uma rede dupla simples, é um recesso profundo, plano e arqueado no topo, construído de sólidas massas de pedra cinzenta, caneladas na borda, enquanto que o brilho do vidro dentro (se houver algum) é perdido na sombra,

Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.6, n.10, p.71-85, 2020.

fazendo com que o recesso apareça para o observador como um olho escuro. A porta tem o mesmo caráter, ou seja, é também de pedra, a qual está tão quebrada e disfarçada que a impede de dar qualquer ideia de força ou estabilidade. A entrada está sempre aberta; nenhuma rosa, ou qualquer outra coisa está envolvida nisso. Todavia, várias dependências, construídas no mesmo estilo, dão a extensão do edifício; e o grupo (com toda a probabilidade, a dependência de algum grande castelo antigo à distância) não espreguiça bosque, ou moita, ou um grupo de árvores altas e bonitas; portanto, fica sem conforto entre dois indivíduos da floresta colunas de olmos Fac-símile de tronco longo, que guardam guarda ao longo do comprimento da estrada pública.

Em seguida, deixe-se observar o quão perfeito e singular as características distintivas dessas duas casas concordam com os dos países em que são construídos; e das pessoas para quem eles são construídos. A Inglaterra é um país cuja cena está em miniatura. Seus vales verdes não são largos; suas colinas orvalhosas não são altas; suas florestas não são de nenhuma extensão, ou melhor, não há nada que possa fingir um título mais sólido do que o de “madeira”. Seus *champaigns*⁴ são minuciosamente colocadas em campos. Nunca os podemos ver de longe, e há uma sensação de algo inexprimível, exceto pela palavra verdadeiramente inglesa “confortável”, em cada canto quieto e abrigado. A casa de campo inglesa, nesse sentido, é, do mesmo modo, pequena, igualmente protegida, com tal característica invisível à distância.

Mas a França é um país em grande escala. Colinas baixas, porém, longas, a percorrem quilômetros em vastos campos ininterruptos, imensas florestas sombreiam o país por centenas de quilômetros quadrados, sem antes deixar passar a luz do dia. Seus pastos e terra aráveis são divididos na mesma escala; não há cercas; dificilmente podemos nos colocar em qualquer lugar onde não possamos ver por léguas ao redor; e, há uma espécie de sublimidade sem conforto no tamanho de cada cena. A casa de campo francesa, portanto, está na mesma escala, igualmente grande e desolada; assim, veremos, neste momento, que ela pode despertar sentimentos que, embora não possam ser ditos, lhe conferem sublimidade, mas são de uma ordem mais elevada do que qualquer outra que possa ser despertada à vista da casa de campo inglesa.

⁴ O termo “champaigns” refere-se às regiões agrícolas e históricas do nordeste da França. [S.l.]: Encyclopaedia Britannica. Site consultado em 14/04/2019. <https://www.britannica.com>. Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.6, n.10, p.71-85, 2020.

Cada porção de terra cultivada na Inglaterra tem um acabamento esmerado; os campos estão todos divididos por sebes ou cercas; as árvores frutíferas são bem podadas; as estradas são lindamente construídas, e assim por diante. Tudo é o contrário na França: os campos distinguem-se pela natureza das colheitas que eles ostentam; as árvores frutíferas estão cobertas de musgo e visco, e as estradas imensamente largas, além de miseravelmente feitas.

Tanto há para as características das duas casas de campo, como elas assimilam-se com os países em que são encontrados. Vamos ver, agora, como eles se assimilam com as características das pessoas por quem eles são construídos. A Inglaterra é um país de prosperidade perpetuamente crescente e de empreendimento ativo; mas, por essa mesma razão, nada é permitido permanecer nela até que fique velho. Grandes árvores antigas são cortadas para servir de madeira de construção; moradias arcaicas são puxadas para baixo dos materiais; e móveis vetustos são ridicularizados e negligenciados. Tudo é constantemente alterado e renovado pela atividade de invenção e aperfeiçoamento. A casa, desse modo, não tem um aspecto dilapidado, ou seja, ela nunca sofre com o seu envelhecimento; é usada desde que seja confortável e depois retirada e reconstruída, pois foi originalmente criada em um estilo incapaz de resistir à devastação do tempo. Mas na França elas prevalecem dois sentimentos opostos, ambos ao extremo; o da antiga população de linhagem, que preserva ilimitadamente; e a dos revolucionários modernos, que destroem impiedosamente. Cada objeto tem, em parte, a aparência de ter sido preservado com infinito cuidado de uma idade indefinida e, também em parte, exhibe a evidência de maus-tratos e desfigurações recentes. As florestas primitivas erguem seus vastos troncos sobre as de muitas gerações mais jovens que crescem ao lado deles. O castelo ou o palácio, mostrando pelo seu estilo de arquitetura, sua idade venerável carrega as marcas da bala de canhão e, por negligência, está murchando na desolação. Pouco disso é renovado, há pouco espírito de melhoria; e os costumes que prevaleceram séculos atrás ainda são ensinados pelos patriarcas das famílias aos netos. O chalé francês, contudo, é exatamente o que nós deveríamos esperar da disposição de seus habitantes: suas janelas maciças, seus ornamentos quebrados, todo o seu ar e aparência, todos contam a mesma história de idade venerável, respeitada e preservada, até que, por fim, sua dilapidação assume uma aparência de negligência.

Já o inglês sacrificará tudo para o conforto, e não somente tomará grandes esforços para assegurá-lo, mas ele geralmente também tem o poder de fazê-lo, pois o camponês inglês é, em média, mais rico que os franceses. O camponês francês não tem ideia de conforto e, portanto, não faz nenhum esforço para assegurá-lo. A diferença no caráter de seus habitantes é, como vimos, escrita nas frentes de suas respectivas casas. O inglês também gosta de exibir; mas os ornamentos, exteriores e interiores, com os quais ele adorna sua morada, por menor que seja, ou são para mostrar a extensão de suas posses, ou para contribuir para algum lucro pessoal ou gratificação. Assim, eles nunca parecem projetados apenas para o ornamento. Com isso, o amor de sua esposa pela exibição é mostrado pelas fileiras de louças inúteis em seu armário; e a sua junto à roseira na porta da frente, da qual ele pode obter um broto para ficar na casa do seu melhor casaco azul aos domingos. A madressilva é cultivada por seu cheiro, o jardim por seus repolhos. Não é assim na França. Lá, o pior camponês, com um igual ou maior amor de exibição, embeleza sua morada tanto quanto encontra-se em seu poder, simplesmente para a satisfação de seu sentimento do que é agradável aos olhos. A empena de seu teto é lindamente moldada; o nicho na esquina é ricamente esculpido; as vigas de madeira, se houver, são formadas em figuras grotescas; e até mesmo o *négligé aéreo* e dilapidação geral do edifício contam mil vezes mais agradável a um olho acostumado ao pitoresco, que a preservação de abeto de cada de campo inglesa.

Nenhum edifício ao qual sentimos provocados por um sentimento de mera complacência pode ser considerado de bom gosto. Pelo contrário, quando o edifício é de tal classe, que não pode surpreender pela sua beleza, nem impressionar pela sua sublimidade, e quando é igualmente colocado em uma situação tão desinteressante que render algo mais do que uma trivial adequação ou propriedade necessárias e para forçar os olhos a esperar algo do próprio edifício, um contraste gentil de sentimento naquele edifício é extremamente desejável; e, se possível, uma sensação de que algo passou, cuja presença teria dado um interesse mais profundo em toda a cena. A fantasia tentará imediatamente recuperá-lo e, nesse esforço, obterá o efeito desejado de uma causa indefinida.

A casa de campo francesa, no entanto, não pode agradar por sua propriedade, pois só pode ser adaptada à fealdade ao redor; e, como deveria ser, e não pode deixar de ser adaptado a isso, ainda é menos capaz de agradar por sua beleza. Como, então, pode-

se satisfazer? Não há pretensão de *gayety* em sua aparência, nem vasos de flores verdes em treliças ornamentais; mas o estilo substancial de qualquer ornato que ele possa possuir, como as janelas embutidas, as esculturas de pedra e o tamanho geral do conjunto, se unem para produzir uma impressão de que o edifício já foi adequado para a residência de habitantes mais orgulhosos, de ter uma vez possuído força, que agora está murcha, e beleza, que agora está desbotada. Essa sensação de algo perdido, algo que foi, e não o é, é precisamente o que se deseja. A imaginação é ativada para trabalhar em um instante, e somos informados da presença de uma beleza, mais agradável porque visionária; e, enquanto o olho está com pena da humildade real do edifício atual, a mente está admirando o orgulho imaginado do passado. Cada marca de dilapidação aumenta esse sentimento; enquanto essas mesmas marcas (as fraturas da pedra, os líquenes das paredes de mofo e as linhas graciosas do telhado afundando) são todas maravilhosas em si mesmas.

Assim, mostramos que, embora a casa de campo inglesa seja bonita por causa de sua propriedade, a casa de campo francesa, tendo a mesma conexão com seu clima, país e povo, produz um contraste tão grande de sentimentos como lhe confere uma beleza que se dirige à mente, e é, portanto, de bom gosto. Se nos for perguntado por que, neste caso, o bom gosto produz apenas aquilo que todos os viajantes consideram não ser o menos impactante, respondemos que, quando as circunstâncias que o cercam são desfavoráveis, a própria adaptação que declaramos ser necessária torna o edifício desinteressante; e que, no próximo artigo, veremos um resultado muito diferente das operações de igualmente bom gosto em adaptar uma casa à sua situação, em um dos distritos mais nobres da Europa. Nosso próximo assunto será a Casa Lowland do Norte da Itália.

Oxford, Sept., 1837.

2 TEXTO ORIGINAL

The Lowland Cottage — England and France

10. Of all embellishments by which the efforts of man can enhance the beauty of natural scenery, those are the most effective which can give animation to the scene, while the spirit which they bestow is in unison with its general character. It is generally desirable

Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.6, n.10, p.71-85, 2020.

to indicate the presence of animated existence in a scene of natural beauty; but only of such existence as shall be imbued with the spirit, and shall partake of the essence, of the beauty, which, without it, would be dead. If our object, therefore, is to embellish a scene the character of which is peaceful and unpretending, we must not erect a building fit for the abode of wealth or pride. However beautiful or imposing in itself, such an object immediately indicates the presence of a kind of existence unsuited to the scenery which it inhabits; and of a mind which, when it sought retirement, was unacquainted with its own ruling feelings, and which consequently excites no sympathy in ours: but, if we erect a dwelling which may appear adapted to the wants, and sufficient for the comfort, of a gentle heart and lowly mind, we have instantly attained our object: we have bestowed animation, but we have not disturbed repose.

11. It is for this reason that the cottage is one of the embellishments of natural scenery which deserve attentive consideration. It is beautiful always, and everywhere. Whether looking out of the woody dingle with its eye-like window, and sending up the motion of azure smoke between the silver trunks of aged trees; or grouped among the bright cornfields of the fruitful plain; or forming gray clusters along the slope of the mountain side, the cottage always gives the idea of a thing to be beloved: a quiet life-giving voice, that is as peaceful as silence itself.

12. With these feelings, we shall devote some time to the consideration of the prevailing character, and national peculiarities, of European cottages. The principal thing worthy of observation in the lowland cottage of England is its finished neatness. The thatch is firmly pegged down, and mathematically leveled at the edges; and, though the martin is permitted to attach his humble domicile, in undisturbed security, to the eaves, he may be considered as enhancing the effect of the cottage, by increasing its usefulness, and making it contribute to the comfort of more beings than one. The whitewash is stainless, and its rough surface catches a side light as brightly as a front one: the luxuriant rose is trained gracefully over the window; and the gleaming lattice, divided not into heavy squares, but into small pointed diamonds, is thrown half open, as is just discovered by its glance among the green leaves of the sweetbrier, to admit the breeze, that, as it passes over the flowers, becomes full of their fragrance. The light wooden porch breaks the flat of the cottage face by its projection; and a branch or two of wandering honeysuckle spread over the low hatch. A few square feet of garden and a latched

wicket, persuading the weary and dusty pedestrian, with expressive eloquence, to lean upon it for an instant and request a drink of water or milk, complete a picture, which, if it be far enough from London to be unspoiled by town sophistications, is a very perfect thing in its way. The ideas it awakens are agreeable, and the architecture is all that we want in such a situation. It is pretty and appropriate; and if it boasted of any other perfection, it would be at the expense of its propriety.

13. Let us now cross the Channel, and endeavor to find a country cottage on the other side, if we can; for it is a difficult matter. There are many villages; but such a thing as an isolated cottage is extremely rare. Let us try one or two of the green valleys among the chalk eminences which sweep from Abbeville to Rouen. Here is a cottage at last, and a picturesque one, which is more than we could say for the English domicile. What then is the difference? There is a general air of *nonchalance* about the French peasant's habitation, which is aided by a perfect want of everything like neatness; and rendered more conspicuous by some points about the building which have a look of neglected beauty, and obliterated ornament. Half of the whitewash is worn off, and the other half colored by various mosses and wandering lichens, which have been permitted to vegetate upon it, and which, though beautiful, constitute a kind of beauty from which the ideas of age and decay are inseparable. The tall roof of the garret window stands fantastically out; and underneath it, where, in England, we had a plain double lattice, is a deep recess, flatly arched at the top, built of solid masses of gray stone, fluted on the edge; while the brightness of the glass within (if there be any) is lost in shade, causing the recess to appear to the observer like a dark eye. The door has the same character: it is also of stone, which is so much broken and disguised as to prevent it from giving any idea of strength or stability. The entrance is always open; no roses, or anything else, are wreathed about it; several outhouses, built in the same style, give the building extent; and the group (in all probability, the dependency of some large old château in the distance) does not peep out of copse, or thicket, or a group of tall and beautiful trees, but stands comfortlessly between two individuals of the columns of long-trunked facsimile elms, which keep guard along the length of the public road.

14. Now, let it be observed how perfectly, how singularly, the distinctive characters of these two cottages agree with those of the countries in which they are built; and of the people for whose use they are constructed. England is a country whose every scene is in

miniature. Its green valleys are not wide; its dewy hills are not high; its forests are of no extent, or, rather, it has nothing that can pretend to a more sounding title than that of "wood." Its champaigns are minutely checkered into fields; we can never see far at a time; and there is a sense of something inexpressible, except by the truly English word "snug," in every quiet nook and sheltered lane. The English cottage, therefore, is equally small, equally sheltered, equally invisible at a distance.

15. But France is a country on a large scale. Low, but long, hills sweep away for miles into vast uninterrupted champaigns; immense forests shadow the country for hundreds of square miles, without once letting through the light of day; its pastures and arable land are divided on the same scale; there are no fences; we can hardly place ourselves in any spot where we shall not see for leagues around; and there is a kind of comfortless sublimity in the size of every scene. The French cottage, therefore, is on the same scale, equally large and desolate looking; but we shall see, presently, that it can arouse feelings which, though they cannot be said to give it sublimity, yet are of a higher order than any which can be awakened at the sight of the English cottage.

16. Again, every bit of cultivated ground in England has a finished neatness; the fields are all divided by hedges or fences; the fruit trees are neatly pruned; the roads beautifully made, etc. Everything is the reverse in France: the fields are distinguished by the nature of the crops they bear; the fruit trees are overgrown with moss and mistletoe; and the roads immeasurably wide, and miserably made.

17. So much for the character of the two cottages, as they assimilate with the countries in which they are found. Let us now see how they assimilate with the character of the people by whom they are built. England is a country of perpetually increasing prosperity and active enterprise; but, for that very reason, nothing is allowed to remain till it gets old. Large old trees are cut down for timber; old houses are pulled down for the materials; and old furniture is laughed at and neglected. Everything is perpetually altered and renewed by the activity of invention and improvement. The cottage, consequently, has no dilapidated look about it; it is never suffered to get old; it is used as long as it is comfortable, and then taken down and rebuilt; for it was originally raised in a style incapable of resisting the ravages of time. But, in France, there prevail two opposite feelings, both in the extreme; that of the old pedigreed population, which preserves unlimitedly; and that of the modern revolutionists, which destroys

unmercifully. Every object has partly the appearance of having been preserved with infinite care from an indefinite age, and partly exhibits the evidence of recent ill-treatment and disfiguration. Primeval forests rear their vast trunks over those of many younger generations growing up beside them; the *château* or the palace, showing, by its style of architecture, its venerable age, bears the marks of the cannon-ball, and, from neglect, is withering into desolation. Little is renewed: there is little spirit of improvement; and the customs which prevailed centuries ago are still taught by the patriarchs of the families to their grandchildren. The French cottage, therefore, is just such as we should have expected from the disposition of its inhabitants; its massive windows, its broken ornaments, its whole air and appearance, all tell the same tale of venerable age, respected and preserved, till at last its dilapidation wears an appearance of neglect.

18. Again, the Englishman will sacrifice everything to comfort, and will not only take great pains to secure it, but he has generally also the power of doing so: for the English peasant is, on the average, wealthier than the French. The French peasant has no idea of comfort, and therefore makes no effort to secure it. The difference in the character of their inhabitants is, as we have seen, written on the fronts of their respective cottages. The Englishman is, also, fond of display; but the ornaments, exterior and interior, with which he adorns his dwelling, however small it may be, are either to show the extent of his possessions, or to contribute to some personal profit or gratification: they never seem designed for the sake of ornament alone. Thus, his wife's love of display is shown by the rows of useless crockery in her cupboard; and his own by the rose tree at the front door, from which he may obtain an early bud to stick in the buttonhole of his best blue coat on Sundays: the honeysuckle is cultivated for its smell, the garden for its cabbages. Not so in France. There, the meanest peasant, with an equal or greater love of display, embellishes his dwelling as much as lies in his power, solely for the gratification of his feeling of what is agreeable to the eye. The gable of his roof is prettily shaped; the niche at its corner is richly carved; the wooden beams, if there be any, are fashioned into grotesque figures; and even the "air négligé" and general dilapidation of the building tell a thousand times more agreeably to an eye accustomed to the picturesque, than the spruce preservation of the English cottage.

19. No building which we feel to excite a sentiment of mere complacency can be said to be in good taste. On the contrary, when the building is of such a class, that it can neither astonish by its beauty, nor impress by its sublimity, and when it is likewise placed in a situation so uninteresting as to render something more than mere fitness or propriety necessary, and to compel the eye to expect something from the building itself, a gentle contrast of feeling in that building is exceedingly desirable; and if possible, a sense that something has passed away, the presence of which would have bestowed a deeper interest on the whole scene. The fancy will immediately try to recover this, and, in the endeavor, will obtain the desired effect from an indefinite cause.

20. Now, the French cottage cannot please by its propriety, for it can only be adapted to the ugliness around; and, as it ought to be, and cannot but be, adapted to this, it is still less able to please by its beauty. How, then, can it please? There is no pretense to gayety in its appearance, no green flower-pots in ornamental lattices; but the substantial style of any ornaments it may possess, the recessed windows, the stone carvings, and the general size of the whole, unite to produce an impression of the building having once been fit for the residence of prouder inhabitants; of its having once possessed strength, which is now withered, and beauty, which is now faded. This sense of something lost, something which has been, and is not, is precisely what is wanted. The imagination is set actively to work in an instant; and we are made aware of the presence of a beauty, the more pleasing because visionary; and, while the eye is pitying the actual humility of the present building, the mind is admiring the imagined pride of the past. Every mark of dilapidation increases this feeling; while these very marks (the fractures of the stone, the lichens of the moldering walls, and the graceful lines of the sinking roof) are all delightful in themselves.

21. Thus, we have shown that, while the English cottage is pretty from its propriety, the French cottage, having the same connection with its climate, country, and people, produces such a contrast of feeling as bestows on it a beauty addressing itself to the mind, and is therefore in perfectly good taste. If we are asked why, in this instance, good taste produces only what every traveler feels to be not in the least striking, we reply that, where the surrounding circumstances are unfavorable, the very adaptation to them which we have declared to be necessary renders the building uninteresting; and that, in the next paper, we shall see a very different result from the operations of equally

good taste in adapting a cottage to its situation, in one of the noblest districts of Europe. Our subject will be, the Lowland Cottage of North Italy.

OXFORD, Sept., 1837.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Claudio Silveira. *John Ruskin, Iluminista ou adepto da filosofia da Idade Média?* Arquitextos (São Paulo), v. 152.01, p. 01, 2013.

BAZIN, Germain. *História da História da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BRITANNICA, Encyclopaedia. *Champagne, region, France*. Disponível em <<https://www.britannica.com>>. Acesso em 14 de abril de 2019.

BRITANNICA, Encyclopaedia. *Lowlands, Region, Scotland, United Kingdom*. Disponível em <<https://www.britannica.com>>. Acesso em 14 de abril de 2019.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. Ed. Ática, São Paulo, 2000.

HELSINGER, E.K.. *Ruskin and the Art of the Beholder*. Harvard University, 1982.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

MESCHONNIC, Henri. *Poétique du traduire*. Paris: Verdier, 1999.

MESCHONNIC, Henri. *Poética do traduzir*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

RUSKIN, John. In: *The Lowland Cottage—England and France*. The poetry of architecture, Volume I. [S.l.]: Project Gutenberg, 2006. Disponível em: <<https://www.gutenberg.org>> Acesso em 24 mar. 2019. E-book.

RUSKIN, John. *A Lâmpada da Memória*. Tradução e Apresentação de Maria Lucia Bressan Pinheiro. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

RUSKIN, John. *Chapter: Political Theory*. [S.l.]: The Book of Life, 2019. Disponível em <<https://www.theschooloflife.com/thebookoflife/>>. Acesso em 17 de abr. 2019. E-Book.

Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.6, n.10, p.71-85, 2020.